

A VIA CRUCIS DO EMIGRANTE NO CONTO “EL LARGO CAMINO A LA CIUDADANÍA”, DE LUIS HUMBERTO CROSTHWAITE

THE EMIGRANT’S VIA CRUCIS IN THE SHORT STORY “EL LARGO CAMINO A LA CIUDADANÍA” BY LUIS HUMBERTO CROSTHWAITE

Weslei Roberto Candido¹

Doutor em Letras

Universidade Estadual de Maringá – UEM

(weslei79@gmail.com)

Daiani Balestri Vallin²

Graduada em Secretariado Executivo Trilíngue

Universidade Estadual de Maringá – UEM

(ddaianii@gmail.com)

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo analisar a constante construção da(s) identidade(s) do sujeito da fronteira México-Estados Unidos, sua mistura de culturas, maneiras de vida e as línguas às quais está exposto. O conto “El largo camino a la ciudadanía” pertence ao livro *Instrucciones para cruzar la frontera*, escrito por Luis Humberto Crosthwaite, em 2002, com edição revisada e ampliada em 2011. O conto narra a história de um personagem anônimo, assim como tantos outros mexicanos, que passa pela *via crucis* de cruzar a fronteira em busca do tão almejado *American Dream*. Para fomentar uma compreensão mais aprofundada acerca da obra, a pesquisa será embasada nos Estudos sobre Identidade, com autores como Anzaldúa (1999), Paz (1984), Mignolo (2010), Grosfoguel (2008), Giménez (2009), Bernd (2003), Quijano (2000), entre outros.

Palavras-chave: Fronteira. Cultura. México. Estado Unidos. Identidade.

ABSTRACT: This article aims to analyze the constant construction of the identity (ies) of the people from Mexico-United States border, its mixture of cultures, ways of life and the languages to which it is exposed. The short story *El largo camino a la ciudadanía* belongs to the book *Instrucciones para cruzar la frontera*, written by Luis Humberto Crosthwaite, in 2002, with a revised and expanded edition in 2011. The short story is about an anonymous character, as well as so many other Mexicans, who experience the *via crucis* to cross the border aiming for the longed-for *American Dream*. To foster a deeper understanding of the literary work, the research will be based on Identity Studies, with authors such as Anzaldúa (1999), Paz (1984), Mignolo (2010), Grosfoguel (2008), Giménez (2009), Bernd (2003), Quijano (2000), among others.

Keywords: Border. Culture. Mexico. United States. Identity.

Considerações Iniciais

Para explicar os processos de formação e a complexidade cultural da narrativa latino-americana, o teórico e crítico literário uruguaio Ángel Rama vale-se da teoria do

¹ ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8947-4266>.

² Mestranda em Estudos Literários.

ORCID: <https://orcid.org/000-002-0517-4494>.

antropólogo cubano Fernando Ortíz. De acordo com Rama (1982), o intercâmbio entre as culturas contribuiria para relacionar a literatura latino-americana com suas matrizes hegemônicas, demonstrando que é possível a construção de formas literárias que resgatem manifestações artísticas marginalizadas e invisibilizadas pela cultura dominante. Os choques culturais que acontecem nas fronteiras fazem florescer novas formas de expressão artística e apesar de ainda ser considerada como um *status* inferior nos Estados Unidos, a literatura de fronteira com o México vem alcançando cada vez mais visibilidade devido à grande problemática das barreiras que o presidente estadunidense Donald Trump deseja construir entre os dois países. Essa literatura enfatiza a reflexão sobre vários temas, como a migração, fragmentação e reformulação identitária, novas forma de linguagens, problemas geográficos e ambientais, mistura de culturas, entre outros.

O escritor que analisaremos no *corpus* deste artigo, Luis Humberto Crosthwaite, nasceu no ano de 1962, em Tijuana, situada na divisa com os Estados Unidos, a maior cidade mexicana do estado de Baja Califórnia, acerca de 30 km de distância da cidade de San Diego. Sua primeira publicação data de 1988 e sua visibilidade aumentou muito a partir do ano de 1990, “o melhor momento em termos de criação e recepção de autores nascidos ou que moram nos estados fronteiriços do norte do México”³ (LOZANO, 2000, p. 82, tradução nossa). Com tom coloquial, humor e ironia, o autor enfatiza as preocupações e conflitos dos habitantes da região de sua cidade natal. Sobre isso, o professor e crítico tijuanaense Humberto Felix Berumen (2001) salienta:

Luis Humberto Crosthwaite é de fato um daqueles escritores difíceis de conceber sem a atitude lúdica, sem o tom festivo, ao mesmo tempo coloquial e irônico que permeia igualmente toda a escrita; e em seu caso muito particular, sem o referencial que o autor encontra na cidade de Tijuana⁴ (p. 105, tradução nossa).

A escrita de Crosthwaite explicita as novas linguagens da região e a(s) identidade(s) fragmentada(s) e em constante mutação dos sujeitos fronteiriços frente à globalização da cultura. O crítico Lozano (2002, p. 35, tradução nossa) também

³ Original: *El mejor momento en cuanto a creación y recepción de los autores nacidos o radicados en los estados fronterizos del norte de México.*

⁴ Original: *Luis Humberto Crosthwaite es de hecho uno de esos escritores difíciles de concebir sin la actitud ludica, sin el tono festivo, a la vez coloquial e ironico que permea toda escritura por igual; y en su caso muy particular, sil el marco referencial que el autor encuentra en la ciudad de Tijuana.*

afirma que Crosthwaite não trata a cidade de Tijuana apenas como um espaço geográfico, “Não é, obviamente, uma visão linear, turística, teórica, institucional ou pós-moderna, pelo contrário, é uma implementação prática de um discurso que revitaliza a dinâmica de Tijuana, do fronteiriço”⁵.

Em 2002, Crosthwaite lança o livro de contos *Instrucciones para cruzar la frontera*, de tradução **Instruções para cruzar a fronteira**, com edição revisada e ampliada em 2011. Ainda sem tradução para a língua portuguesa, a obra narra com ironia onze histórias breves a respeito do que é e de como deveria ser o processo de imigração, sobre a vida na fronteira, a mistura de línguas, culturas e sobre o *American Dream*, traduzido no Brasil como ‘Sonho Americano’. Crosthwaite aborda temas vividos por ele mesmo e afirma: “Diz quem confessa ter atravessado a fronteira cerca de mil seiscentas e trinta e duas vezes durante a vida, pelo trabalho, pela ansiedade ou por aborrecimento”⁶ (CROSTHWAITE, 2002, p. 12, tradução nossa).

O conto a ser analisado adiante faz parte do conjunto de contos do livro em questão e é chamado “El largo camino a la ciudadanía”, -“O longo caminho à cidadania” -; sua história enumera uma lista de “rituais” que devem ser completados para tornar-se um cidadão estadunidense e quais são as consequências e possíveis implicações desse processo de travessia e vida nos Estados Unidos. Analisaremos a(s) identidade(s) desse sujeito fronteiriço, a hibridização de culturas, os estilos de vida, e os percalços pelos quais passa para alcançar seus anseios.

A Via Crucis do Emigrante

Antes de começarmos a análise do conto, é preciso que tenhamos conhecimento sobre as políticas mais atuais de migração mundiais. De acordo com o site oficial da Organização das Nações Unidas (ONU), será ratificado em Assembleia Geral, na sede da organização em Nova York, no dia 19 de dezembro de 2020, o **Pacto Mundial para Migração**, assinado até o momento por 164 países. Esse *Pacto*, dentre outros objetivos, servirá para ajudar a gerenciar a migração internacional e

⁵ Original: *No se trata, por supuesto, de una visión lineal, turística, teórica, institucional o posmoderna, por el contrario, es una puesta en práctica de un discurso que revitaliza la dinámica de Tijuana, de lo fronterizo.*

⁶ Original: *lo dice quien confiesa haber cruzado la frontera unas mil seiscientas treinta y dos veces durante su vida, por trabajo, por ansiedad o por fastidio.*

fortalecer os direitos dos migrantes. Os Estados Unidos, além de não assinarem o *Pacto*, se retiraram da elaboração do documento ainda em 2017.

O atual presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, durante seu mandato, implementou diversas medidas para tornar mais rígidas as regras e combater a imigração ilegal, inclusive com proposta de construção de um muro em toda a fronteira de seu país com o México, no total de 3.201 quilômetros. Atualmente, há cerca de 930 quilômetros de barreiras físicas e virtuais (controladas por câmeras) em toda essa extensão, uma dessas barreiras encontra-se entre as cidades de Tijuana e San Diego, ambiente fronteiriço urbano e densamente povoado, separando as nações já divididas por sua história e cultura.

Para a escritora chicana⁷ Gloria Anzaldúa (1999), a fronteira México-Estados Unidos é uma problemática desde a guerra entre esses países no ano de 1846, quando os estadunidenses americanos se apoderaram dos territórios do Texas, Novo México, Arizona, Colorado e Califórnia e, com isso, os mexicanos foram desterrados e separados de sua(s) identidade(s) e história. Para a autora, “A fronteira México-Estados Unidos é uma ferida aberta onde o Terceiro mundo é corroído pelo Primeiro e sangra”⁸ (1999, p. 25, tradução nossa), ferida esta que os separaram dos territórios de seus ancestrais e hoje os separam do sonho de uma vida melhor.

A área que passou a pertencer aos Estados Unidos fazia parte de uma região chamada *Aztlán*, uma lendária terra ancestral. *Aztlán*, para os mexicanos, representa o reconhecimento de seu direito sobre uma terra que foi usurpada e onde seus verdadeiros herdeiros não são reconhecidos como cidadãos. De acordo com o pesquisador e estudioso Pérez-Torres (2000, p. 103, tradução nossa) “em um contexto chicano, *Aztlán* como pátria asteca mítica se encaixou como uma metáfora da conexão e unidade. [...] Examinar a ideia de *Aztlán* nos ajuda a focar nas noções de ‘fronteira’ e suas múltiplas teorizações”⁹.

⁷ Chicano(a) é o(a) cidadão(ã) dos Estados Unidos pertencente à minoria de origem mexicana ali existente, oriundos de várias gerações dos antepassados, que foram obrigados a aceitar a cidadania americana quando as suas terras foram conquistadas durante a expansão nacional do EUA no século XIX (SKAR, 2001, p. 9 - 10).

⁸ Original: *The U.S.-Mexican border es una herida abierta where the Third World grates against the first and bleeds.*

⁹ Original: *in a Chicano context, Aztlán as the mythical Aztec homeland has fit as a metaphor for connection and unity. [...] Examining Aztlán's idea helps us focus on the notions of 'frontier' and its multiple theorizations [...].*

Sobre a perda de seu território para os Estados Unidos e a divisão de seu povo, o teórico Octavio Paz suscita o sentimento de culpa de uma nação:

Nós [...] chegamos atrasados em todos os lugares, nascemos quando já era tarde na história, também não temos um passado ou, se o temos, cuspiamos sobre os seus restos, nossos povos ficaram dormindo durante um século, e enquanto dormiam foram roubados - agora estão em farrapos; não conseguimos sequer o que os espanhóis deixaram ao ir embora [...] (1984, p. 197).

Paz lamenta, por todo o povo mexicano, as terras e sujeitos “roubados” de seu país. Ao mesmo tempo que separa a fronteira entre o México e os Estados Unidos também cruza e entrelaça histórias, constrói identidades pessoais e culturais associando heranças e influências de ambos os países criando problematizações a respeito da noção de pertencimento do sujeito fronteiriço. Paz se refere também em seu ensaio **México e Estados Unidos**, ao termo “norte e sul” como uma realidade oposta vivida por estes países, o autor avalia que esta realidade é escondida atrás de anos de história dos primeiros habitantes do nosso continente e dos europeus que aqui se estabeleceram, e afirma que o que os separa é o mesmo que os une, que são duas versões diferentes da civilização do ocidente (PAZ, 1984).

A fronteira México-Estados Unidos é uma ferida geográfica que expõe as diferenças econômicas, sociais, políticas, históricas e culturais desses países, e, ao mesmo tempo que fechada, também é cheia de frestas por onde os imigrantes continuam a atravessar em busca de uma vida melhor. Para o escritor Carlos Fuentes, a região é uma cicatriz aberta: “Essa fronteira, dizem muitos dos que a cruzam, não é, na realidade, uma fronteira, mas uma cicatriz. Ter-se-á fechado para sempre? Ou voltará a sangrar um dia?” (FUENTES, 2001, p. 343).

De acordo com o autor tijuquense Federico Campbell, ser fronteiriço significa “ser de todos os lugares e de lugar nenhum, um ser colocado no limiar, entre um país e outro, uma língua e outra; mas ao mesmo tempo culturalmente autônomo”¹⁰ (2005, p. 18, tradução nossa). É desse modo que se encontra o personagem principal do conto analisado no presente artigo.

“El largo camino a la ciudadanía”, pertencente ao livro *Instrucciones para cruzar la frontera*, escrito por Luis Humberto Crosthwaite, narra a história de um

¹⁰ Original: *Ser de todas partes y de ninguna, un ser colocado ante el umbral, entre un país y otro, una lengua y otra; pero al mismo tiempo culturalmente autónomo.*

personagem não nomeado que sonha, desde criança, com tudo relacionado aos Estados Unidos, cidade com a qual a sua terra natal faz divisa:

Desde niño adora todo lo relativo a Estados Unidos de América, considera que es el mejor lugar del universo. No se puede decir que sus padres le hayan inculcado este amor al país vecino, más bien es una circunstancia que se apoderó de él sin una explicación clara, una situación normal y cotidiana (CROSTHWAITE, 2011, p. 29).

O protagonista pretende cruzar a fronteira e conseguir sua cidadania a qualquer custo, com esse intuito tenta relacionamentos com nativas além dos muros: “Intentó cortejar a algunas gringas en busca de un matrimonio por conveniência” (CROSTHWAITE, 2011, p. 31), porém acaba se casando com uma amiga de longa data que já possuía o *green card*¹¹. Morando no tão sonhado país, o personagem se submete, além do preconceito, a empregos e salários bem menores do que os que recebia no México: “Comprende que no podrá ocupar el mismo puesto que le ofrecía su profesión en su tierra natal. Ahora tiene que ser auxiliar, personaje secundario” (CROSTHWITE, 2011, p. 32). Ele agradece porque seus filhos não precisarão passar pelos mesmos percalços que ele passou, porém enfrenta a realidade difícil da maioria dos emigrantes, a solidão e melancolia da saudade de sua terra natal: “Cuando está solo, el citizen pone sus viejos discos de Pedro Infante. Las canciones que le recuerdan a su padre” (CROSTHWAITE, 2011, p. 34). Crosthwaite critica fortemente parte da sociedade mexicana que, iludida pelo sonho de se tornar cidadão estadunidense, abandona seu país e, mais gravemente, abandona suas tradições para viver a cultura de um país hegemônico.

O autor adequa o conteúdo de seu conto à estética. Escreve em forma de lista, com dezenove parágrafos, sendo os dez primeiros numerados de forma ascendente, descrevendo a ambientação e as ações do personagem até chegar ao clímax da narração no décimo parágrafo, e, posteriormente, a contagem começa a diminuir até chegar ao número um, mostrando como a identidade do personagem foi se apagando e como ele foi assimilando a cultura do “Outro” até o final melancólico da história em que, não importando quanto tempo passa, se sente para sempre um estrangeiro. O autor apresenta os parágrafos como passos de uma *via crucis* que o migrante segue para conseguir sua cidadania, assim como Cristo padeceu a caminho

¹¹ O *green card*, ou passe livre, é um visto que possibilita, dentre outras coisas, que pessoas casadas com estadunidenses possam residir nos Estados Unidos.

do calvário, o autor expõe todas as fases e sofrimentos pelos quais o personagem se submete e enfrenta para alcançar o que acredita ser sua tão sonhada salvação, morar legalmente nos Estados Unidos: “Quiere ser «emigrado» porque sabe que es un paso preliminar para llegar a la ciudadanía. Habría sido más fácil si sus papás hubieran decidido emigrarse desde un principio. ¿Qué es eso de trabajar en Estados Unidos sin buscar la legalización?” (CROSTHWAITE, 2011, p. 30). O personagem tem como alvo ser reconhecido como cidadão americano, em nenhum momento lhe ocorre ser um imigrante ilegal, por isso, o caminho é mais longo e a espera também: “El «ya casi» se alarga, se estira hasta que deja una sombra en su estado de ánimo” (CROSTHWAITE, 2011, p. 31).

O narrador é onisciente e não dá nome ao personagem, criando um personagem genérico e sugerindo que esta é a experiência da maioria das pessoas que pretendem cruzar a fronteira. Esse essencialismo é criticado pela socióloga Avtar Brah, que acredita que uma experiência social não é fixa, mas sim particular e que deve ser feita uma macro-análise que estude as inter-relações das várias formas de diferenciação social, empírica e histórica, mas sem derivar todas elas de uma só instância determinante, para evitar o perigo do “reducionismo” (BRAH, 1996).

O sonho de obter condições mais igualitárias e dignas de vida e educação de qualidade nos Estados Unidos é chamado por muitos de *American Dream*. Essa expressão foi usada pela primeira vez por James Truslow Adams em seu livro *The Epic of America*, - **O Épico da América** -, escrito em 1931:

Não é apenas um sonho com carros de luxo e bons salários, mas um sonho de ordem social no qual cada homem e mulher poderá realizar aquilo que é naturalmente capaz de fazer e será reconhecido pelos outros pelo que são independentemente das circunstâncias de nascimento ou posição¹² (ADAMS, 1931, p. 214 - 215. Tradução nossa).

O **Sonho Americano** tornou-se o anseio de uma terra na qual se viveria melhor e com condições e oportunidades iguais para todos, de acordo com suas habilidades e desenvolvimento pessoal no trabalho. É considerado uma oportunidade de alcançar prosperidade e melhor educação. Para muitos mexicanos, é a busca por

¹² Original: *It is not a dream of motor cars and high wages merely, but a dream of social order in which each man and each woman shall be able to attain to the fullest stature of which they are innately capable, and be recognized by others for what they are, regardless of the fortuitous circumstances of birth or position.*

uma identidade perdida, deixada por seus antepassados. Desde o primeiro parágrafo, Crosthwaite pretende expor essa imagem clássica e problemática de muitos fronteiriços que sonham, desde crianças, com a vida além dos muros, alimentada pelo **Sonho Americano** e pelas propagandas exageradas da vida capitalista nos Estados Unidos.

Fronteira e identidades são palavras que se relacionam, pois ambas pressupõem limites e distinção entre o *eu* e o *outro* e fazem refletir sobre os laços intra e extra grupos, pertencimento e diferença. O personagem de Crosthwaite maldiz sua condição de mexicano, pois considera ser um inconveniente ter nascido além da fronteira de onde gostaria: “Desde muy temprana edad descubre que es mexicano, lo cual considera un gran inconveniente” (CROSTHWAITE, 2011, p. 29). O jovem candidato a imigrante – “quiere ser emigrado” (CROSTHWAITE, 2011, p. 30) – sonha com a vida plena que a cidadania estadunidense lhe daria e acredita não pertencer ao seu país natal, paradoxalmente, se casa com uma mexicana: “Termina casándose con una amiga de la secundaria que volvió a encontrar después de mucho tiempo (CROSTHWAITE, 2011, p. 31), mantém contato com mexicanos nos Estados Unidos e quando sozinho, escuta as músicas antigas de seu pai, demonstrando que a identidade na fronteira não é algo definitivo, essencial, substancial, imutável e primordial (DUBAR, 2002), mas se refere, sobretudo, a um processo de interação social que permite ao sujeito classificar e imaginar formas de pertencimento em contraste com as outras (GIMÉNEZ, 2009; SILVA, 1999). Corroborando os teóricos acima, o antropólogo social norueguês Fredrik Barth (1998) afirma que a identidade é justamente definida na fronteira diferenciadora com outros grupos sociais, uma forma de organização social e política dos próprios grupos étnicos que selecionam e acentuam sinais diacríticos diante de outros grupos de interação. Ser fronteiriço é, dessa maneira, uma forma de identificação que se diferencia dos demais habitantes da nação e se aproxima da cultura do país vizinho, porém sem que as identidades nacionais desapareçam por completo. Esses territórios de trânsito e intercâmbio culturais e linguísticos, de acordo com sociólogo Gilberto Giménez (2009), são lugares de afirmação de identidades e diferenças contrastantes, resistências e domínios culturais e políticos.

Para Octavio Paz, a fronteira faz parte da identidade transformada, misturada e em constante mutação do povo mexicano:

Em nosso território, convivem não só raças e línguas diferentes, mas também vários níveis históricos. [...] As épocas ancestrais não desaparecem nunca e todas as feridas, mesmo as mais antigas, ainda minam sangue. Às vezes, como as pirâmides pré-cortesianas que quase sempre escondem outras, numa única cidade ou numa única alma misturam-se e superpõem-se noções e sensibilidades inimigas ou distantes (PAZ, 1984, p. 15).

Além disso, em um dos itens da lista do conto, o protagonista acha graça nos filhos de seus parentes emigrados, pois as crianças pronunciam mal o espanhol: “Se ríe porque los niños no pronuncian bien el español. Se dice: si yo fuera emigrado, les inculcaría a mis hijos el amor a sus dos patrias” (CROSTHWAITE, 2011, p. 30). Sendo a língua um dos fatores que une um povo, os fronteiriços, em meio ao furacão cultural em que vivem, criaram uma língua para afirmarem seu modo de vida. Uma língua que não é inglês e nem espanhol, mas uma união das duas. Anzaldúa aponta que os Chicanos falam o “Chicano espanhol, uma nova língua”¹³ (1999, p. 77, tradução nossa). A escritora ainda enfatiza que os Chicanos falam várias línguas que variam do inglês padrão, como o Tex-Mex, o Pachuco e o Spanglish.

Esse processo de hibridização e transculturação, que envolve não só as línguas, mas as culturas, identidades e os modos de viver cria um sujeito que a pesquisadora Mary Louise Pratt (2008) define como indivíduo de “zona de contato”, que vive em espaços sociais onde culturas diferentes se encontram, se chocam e aprendem a lidar com o “outro”, quase sempre em relações assimétricas de subordinação e dominação, como o colonialismo. De acordo com Zilá Bernd, a modernidade criou novas possibilidades de hibridação cultural e os processos de transculturação situam os sujeitos entre, no mínimo, “dois mundos, duas culturas, duas línguas e duas definições de subjetividade, realizando vaivéns constantes entre elas” (BERND, 2003, p. 23). A população fronteiriça, dessa maneira, cria novos produtos mutantes e inacabados. Sobre a criação de novos produtos culturais híbridos, Bernd (2003) retoma o conceito do antropólogo cubano Fernando Ortíz:

quando há choque de culturas, transição e ou passagem de uma cultura a outra, não há unicamente perdas, apagamentos ou apropriações; há também criação de novos produtos culturais. O processo em seu conjunto é o que caracteriza a transculturação, onde as trocas se fazem nos dois sentidos e geram uma cultura híbrida original e inacabada (BERND, 2003, p. 18).

¹³ Original: *Chicano Spanish, un nuevo lenguaje*.

O protagonista do conto sujeita-se a tudo para conseguir sua cidadania, porém, acabou por casar-se com uma amiga de longa data que já era emigrada, mas preferia morar no México, o que para ele era um absurdo. Depois do casamento, finalmente recebe seu *green card* e passa a se sentir o homem mais feliz do mundo: “El día que recibe sus papeles de emigración y puede ver su fotografía radiante en la *green card*, se siente el hombre más feliz del mundo (CROSTHWAITE, 2011, p. 32). Esse pensamento colonial do *American Dream* não é prerrogativa apenas da ficção, pois, acompanha muitos mexicanos nos dias de hoje. Segundo o sociólogo portorriquenho Ramón Grosfoguel (2008), o pensamento colonial dos países explorados pelos europeus reflete sobre o pensamento imperialista criado pelos Estados Unidos.

Assim que o protagonista consegue sua cidadania, busca emprego e se sujeita a trabalhos aquém de seu conhecimento e capacidade intelectual, além de salários menores do que recebia na sua cidade natal. Esta sentença é a que está destinada a maioria dos mexicanos que emigra para os Estados Unidos, as minorias étnicas se veem praticamente incapazes de conseguir trabalhos bem remunerados, mesmo quando possuem as mesmas habilidades que os nativos. É possível considerar, a partir dessa constatação, que a colonialidade ainda existente atualmente, sendo difundida pelo capitalismo e pelo preconceito étnico. Essa ideologia está tão sedimentada na sociedade, que o próprio imigrante se vê indigno de realizar tarefas ou trabalhos mais elaborados ou que exijam maior especialização.

O conceito de colonialidade do poder, desenvolvido por Aníbal Quijano, em 1989, constata que as relações de colonialidade nas esferas econômica e política existem ainda hoje. Este conceito e sua ligação com o “sistema-mundo capitalista moderno/colonial” é discutido por Grosfoguel:

A expressão "colonialidade do poder" (QUIJANO, 1989) designa um processo fundamental de estruturação do sistema-mundo moderno/colonial, que articula os lugares periféricos da divisão internacional do trabalho com a hierarquia étnico-racial global e com a inscrição de migrantes do Terceiro Mundo na hierarquia étnico-racial das cidades metropolitanas globais. Os Estados-nação periféricos e os povos não-europeus vivem hoje sob o regime da "colonialidade global" (QUIJANO, 1989) imposto pelos Estados Unidos, através do Fundo Monetário Internacional, do Banco Mundial, do Pentágono e da OTAN. As zonas periféricas mantêm-se numa situação colonial, ainda que já não estejam sujeitas a uma administração colonial (GROSFUGUEL, 2008, p. 126).

Dando continuidade ao pensamento de Quijano, Walter Mignolo (2010) afirma que a matriz colonial é uma estrutura com mais de um nível e com diversos entrelaçamentos. O autor suscita que a colonialidade se reproduz em três dimensões: a do poder, do saber e do ser, controlando a economia, a autoridade, os recursos naturais, o gênero e as sexualidades, a subjetividade e o conhecimento. Além disso, afirma que a modernidade não existiria sem a colonialidade, da mesma maneira não existiria uma economia-mundo capitalista sem as Américas (MIGNOLO, 2010; QUIJANO; WALLERSTEIN, 1992), pois a modernidade está “intrinsecamente associada à experiência colonial” (MALDONADO-TORRES, 2007, p. 84).

A ordem crescente do conto, mostra que o personagem de Crosthwaite vive esse pensamento colonial, passando a ter a vida que seus parentes emigrados tinham e o conforta que seus filhos, já nascidos nos Estados Unidos, no ápice do conto, não terão que enfrentar todas as dificuldades que ele passou para conseguir o *green card*: “Ella está embarazada. El niño no tendrá que sufrir las mismas pesadumbres, será americano desde su nacimiento” (CROSTHWAITE, 2011, p. 33).

Para melhor compreender a *via crucis* do emigrado, de acordo com a visão do narrador do conto, apresenta-se, abaixo, fragmentos dos dez primeiros parágrafos do caminho à cidadania estadunidense:

1. Desde niño adora todo lo relativo a Estados Unidos de América, considera que es el mejor lugar del universo.
2. La cultura norteamericana penetra en sus entrañas como una luz que llega del cielo preguntando ¿por qué me buscas?
3. Desde muy temprana edad descubre que es mexicano, lo cual considera un gran inconveniente.
4. Quiere ser «emigrado» porque sabe que es un paso preliminar para llegar a la ciudadanía.
5. Procura pasar el tiempo con sus parientes emigrados, los que ya han llegado a la cima.
6. Americano es una palabra que lo enaltece.
7. Tramita su emigración en el consulado. Llena la solicitud con detenimiento y espera.
8. Termina casándose con una amiga de la secundaria que volvió a encontrar después de mucho tiempo.
9. Después se enteró de que ella era emigrada, sólo que había decidido vivir en México. Qué absurdo. Ni siquiera trabajaba en Estados Unidos, teniendo la oportunidad de hacerlo.
10. El matrimonio acelera los trámites. Mientras llegan sus papeles, la pareja tiene que cruzar la frontera por separado.

Quando, porém, os parágrafos começam a descender de numeração, o personagem se sente sozinho e escuta as músicas de sua velha terra natal. O protagonista, apesar de experimentar a satisfação de ter alcançado seu objetivo, próximo do parágrafo de número dez, começa a declinar e percebe que a vida do **Sonho Americano** não era tão feliz quanto ele imaginava e enfrenta a melancolia da nostalgia de sua terra natal, de suas tradições, costumes e laços com a cultura de origem. Esse contexto contribui para a sensação de não pertencimento do personagem que pode ser comparada à figura do exilado/a ou migrante. Tal sensação, afirma o crítico literário e ativista político e social palestino Edward Said (2003, p. 47), é “uma fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre o eu e seu verdadeiro lar: sua tristeza essencial jamais pode ser superada”.

A respeito da condição do exílio, o filósofo Alexis Nouss apresenta o neologismo francês *exilience*, traduzido para o português como “exiliência”, que descreve como uma experiência ou sentimento que vão além do espaço geográfico:

Núcleo existencial comum a todas as experiências de sujeitos migrantes, quaisquer que sejam as épocas, as culturas e as circunstâncias que as acolhem ou que as provocam, a exiliência declina-se em condição e consciência, podendo inclusive acontecer que as duas, em graus distintos, não coincidam: pode alguém sentir-se em exílio sem ser concretamente um exilado (consciência sem condição), como pode alguém ser um exilado em concreto, sem contudo sentir-se em exílio (condição sem consciência) (NOUSS, 2016, p. 53).

O sentimento de exílio pode, dessa forma, se manifestar naquele que não esteja de fato exilado, mas que se sente deslocado em relação à sua pátria de alguma maneira. O personagem do conto em análise possui esse sentimento de buscar por uma identidade desde sua infância, fazendo-o sentir-se um estranho em sua própria terra natal: “La cultura norteamericana penetra en sus entrañas como una luz que llega del cielo preguntando «é por qué me buscas?». Toda su vida tratará de responder a esa pregunta” (CROSTHWAITE, 2011, p. 29). O caminho percorrido pelo personagem do conto mostra que, realmente, ele nunca terminará sua busca, fazendo dele um ser contraditório e complexo.

Para se sentirem mais amparados na nova terra, muitos estudiosos e ativistas chicanos lutam pela equidade de direitos dos emigrados, porém para Anzaldúa (1999) isso não é o suficiente:

Para o imigrante mexicano e os recém-chegados, devemos ensinar nossa história. Os 80 milhões de mexicanos e latinos da América Central e do Sul devem conhecer nossas lutas. [...] O movimento latino-americano (chicanos, porto-riquenhos, cubanos e outras pessoas de língua espanhola trabalhando juntos para combater a discriminação racial no mercado) é bom, mas não é suficiente. Fora uma cultura comum, não teremos nada para nos manter unidos. Precisamos nos encontrar em um terreno comum mais amplo¹⁴. (ANZALDÚA, 1999, p. 109, tradução nossa).

Anzaldúa, que escreve em inglês e espanhol, chama a atenção dos latinos para o que Crosthwaite critica em seu conto: além da luta contra o preconceito étnico no mercado de trabalho, os adverte a não abandonarem suas tradições e identidades, conhecer sua história e honrá-la e resistir, mesmo que vivam nos Estados Unidos.

Considerações finais

O conto analisado neste artigo, “El largo camino a la ciudadanía”, escrito por Luis Humberto Crosthwaite, narra uma história comum a muitos mexicanos que tentam cruzar a fronteira. Com identidades entrecortadas por duas culturas, línguas e maneiras de viver diferentes, o sujeito fronteiriço vive em uma região considerada uma ferida geográfica (ANZALDÚA, 1999), sua(s) identidade(s) não são definitivas (DUBAR, 2002), mas está em constante trânsito entre os grupos étnicos da região em que se encontra (BARTH, 1998).

Ainda influenciado pelas relações de colonialidade deixadas pelos europeus e refletidas pelo imperialismo estadunidense (QUIJANO, 2000), o personagem do conto representa todos os que enfrentam uma *via crucis* para atravessar a fronteira e viver o tão desejado *American Dream*, cada vez mais difícil devido às barreiras impostas pelo atual presidente Donald Trump. Quando consegue seu *green card* e passa a morar com a família nos Estados Unidos, o protagonista começa a sentir-se na condição de exilado, mesmo tendo escolhido o próprio destino, conforme explicitado durante a análise por Nouss (2016), sente saudade das tradições, músicas e costumes da sua terra natal.

¹⁴ Original: *To the immigrant mexicano and the recent arrivals we must teach our history. The 80 million mexicanos and the Latinos from Central and South America must know our struggles. [...] The Latinoist movement (Chicanos, Puerto Ricans, Cubans and other Spanish-speaking people working together to combat racial discrimination in the marketplace) is good but it is not enough. Other than a common culture we will have nothing to hold us together. We need to meet on a broader common ground.*

Apesar de muitos grupos ativistas chicanos empenharem-se na luta pelos direitos dos emigrados, Anzaldúa (1999), assim como Crosthwaite em seu conto, fazem uma crítica à parte da sociedade mexicana que, iludida pelo sonho de se tornar cidadã estadunidense, abandona seu país e, mais gravemente, deixam suas tradições, assimilando a cultura da nação hegemônica. Os autores reforçam que os moradores da fronteira devem manter seus laços com o país de origem, usar seu hibridismo nas línguas e dialetos, usar suas músicas e literatura como estratégias de resistência contra a dominação artística, política e econômica estadunidense.

Referências

ADAMS, J. T. **The Epic of America**. Boston: Little, Brown and Company, 1931.

ANZALDÚA, G. **Borderlands/La Frontera: The New Mestiza**. 2ed. San Francisco: Aunt Lute, 1999.

BARTH, F. Os grupos étnicos e suas fronteiras. *In: Teorias da etnicidade*. São Paulo: Unesp, 1998.

BERUMEN, H. F. **Texturas: Ensayos y artículos sobre literatura de Baja California**. México: Universidad Autónoma de Baja California, Plaza y Valdés, 2001.
BERND, Z. **Americanidade e transferências culturais**. Porto Alegre: Movimento, 2003.

BRAH, A. Difference, Diversity, Differentiation. *In: Cartographies of Diaspora: Contesting Identities*. London e New York, Routledge, cap. 5, p. 95 - 127, 1996. Disponível em <<https://www.scielo.br/pdf/cpa/n26/30396.pdf>>. Acesso em: 13/08/2020.

CAMPBELL, F. La frontera sedentaria. **Revista Letras libres**, México, v. 83, p. 16 - 19, 2005. Disponível em: <<https://www.letraslibres.com/mexico/la-frontera-sedentaria>>. Acesso em: 13/08/2020.

DUBAR, C. **La crisis de las identidades: la interpretación de una mutación**. Barcelona: Bellaterra, 2002.

FUENTES, C. **O espelho enterrado: reflexões sobre a Espanha e o Novo Mundo**. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

GIMÉNEZ, G. Cultura, identidad y memoria: Materiales para una sociología de los procesos culturales en las franjas fronterizas. **Revista Frontera Norte**, México, v. 21, n. 41, p. 7 - 32, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0187-73722009000100001>. Acesso em: 13/08/2020.

GROSFUGUEL, R. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra, n. 80, p. 115 - 147. 2008. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/rccs/697>>. Acesso em: 13/08/2020.

LOZANO, M. G. R. Desde la frontera: la narrativa de Luis Humberto Crosthwaite. **Revista de literatura mexicana contemporánea**, v.5, n.12, p.82 - 88, 2000. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2749869>>. Acesso em: 13/08/2020.

LOZANO, M. G. R. **El Norte: una experiencia contemporánea en la narrativa mexicana**. Monterrey: Consejo para la Cultura y las Artes de Nuevo León, Consejo Nacional para la Cultura y las Artes, 2002.

MALDONADO-TORRES, N. Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. *In*: **El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos, Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007.

MIGNOLO, W. **Desobediencia epistémica: retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidad**. Argentina: Ediciones del signo, 2010.

NOUSS, A. **Pensar o exílio e a migração hoje**. Porto: Afrontamento, 2016.
UNITED NATION ORGANIZATION. Intergovernmental Conference on the Global Compact for Migration. 2019. Disponível em: <<https://www.un.org/en/conf/migration/news.shtml>>. Acesso em: 10 out. 2019.

PAZ, O. **O labirinto da solidão e post scriptum**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. 2ª ed.

PÉREZ--TORRES, R. Refiguring Aztlán. *In*: **Post Colonial Theory and The United States: Race, Ethnicity, and Literature**. Ed. Amritjit Singh and Peter Schmidt. Jackson: University Press of Mississippi, 2000.

PRATT, M. L; **Imperial eyes: Travel writing and transculturation**. Londres e New York, Routledge, 2008, 2ª ed.

QUIJANO, A. Colonialidad del poder y clasificación social. **Journal of world-systems research**, v. 11, n. 2, p. 342 - 386, 2000. Disponível em: <<http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/se/20140506032333/eje1-7.pdf>>. Acesso em: 13/08/2020.

QUIJANO, A.; WALLERSTEIN, I. Americanity as a concept, or the Americas in the modern world-system. **International Social Science Journal**, v. 44, n. 4, p. 549 - 557. 1992. Disponível em: <<https://www.javeriana.edu.co/blogs/syie/files/Quijano-and-Wallerstein-Americanity-as-a-Concept.pdf>>. Acesso em: 13/08/2020.

SAID, E. Reflexões sobre o exílio. *In: Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SILVA, L. **Identidade nacional: práticas e representações num contexto de fronteira**. 1999. Dissertação (Mestrado em antropologia, Patrimônios e Identidades). Universidade de Lisboa, Lisboa, 1999.

SKAR, S. A. D. **Voces híbridas. La literatura de chicanas y latinas en Estados Unidos**. Santiago: RIL Editores, 2001.



Recebido em 30 de agosto de 2020
Aprovado em 23 de outubro de 2020